



## **Revista do Rádio: mulheres em evidência<sup>1</sup>**

Lis Carolinne LEMOS<sup>2</sup>

Denize Daudt BANDEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

O rádio foi o meio de comunicação mais importante do Brasil entre os anos de 1940 e 1955, sendo essa sua *época de ouro*. Foi graças à esse veículo que muitas mulheres foram imortalizadas por suas atuações artísticas. Como forma de satisfazer a curiosidade dos fãs do rádio, a Revista do Rádio trazia em suas páginas reportagens jornalísticas em que mostrava o rosto e a vida dessas primeiras celebridades brasileiras. Nesse trabalho, procura-se entender se as matérias veiculadas pela Revista do Rádio retratavam a mulher numa perspectiva de cidadania, de emancipação, ou se reforçava estereótipos femininos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista do Rádio; Cidadania; Gênero; História;

### **Introdução**

O artigo pretende analisar como uma revista pioneira de notícia sobre artistas e celebridades retratava a mulher na década de 1950 sob uma perspectiva de cidadania. O período analisado coincide com o fim da época de ouro do rádio e com uma aproximação com os movimentos libertários da década de 1960. As mulheres representadas na Revista do Rádio tiveram participação na formação e na história do rádio brasileiro. Porém, raras vezes são lembradas, ou são de maneira parcial.

As revistas especializadas no mundo das celebridades, tão comuns na atualidade, começavam a surgir no bojo do sucesso do rádio, buscando mostrar ao público como viviam seus ídolos. A Revista do Rádio é uma das pioneiras e das mais importantes publicações nesse sentido, pois além da vida, revelava o rosto das personagens que tinham só suas vozes conhecidas pelo público.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Recém-formada no Curso de Jornalismo pela Facomb - UFG, email: [lis.carolinne@gmail.com](mailto:lis.carolinne@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Mestranda em Comunicação Social pela UFG. Professora do Curso de Jornalismo da PUC – GO, email: [denizedaudt@uol.com.br](mailto:denizedaudt@uol.com.br)



Com uma duração de 22 anos, de 1948 a 1970, quando se transformou em Revista do Rádio e TV, assimilando a entrada da televisão no país, a publicação era a segunda revista mais lida e servia também para dar projeção aos artistas. Goldfeder (1980, p.148) defende que “as revistas especializadas, entre as quais, a Revista do Rádio, vão complementar as imagens, fornecendo ao fruidor o lado real, humano, comum dos mesmos (ídolos)”.

O foco central do artigo é conhecer como as mulheres, que ocupavam um lugar na sociedade pouco comum para o sexo feminino, já que assumiam pela primeira vez um status de ídolo, eram retratadas por uma revista especializada em fofocas. O período estudado é o ano de 1955, pois corresponde ao fim da *Era de Ouro* do rádio.

Além disso, a data foi escolhida por se aproximar do período de ascensão das lutas libertárias. A década de 1960 foi marcada pela organização de diversos grupos em busca de seus direitos na sociedade. Assim, mulheres, negros, homossexuais entre outras minorias se uniam para cobrar tratamento igualitário.

Na historiografia da humanidade, as mulheres muitas vezes ocuparam um lugar secundário, não sendo reconhecidas como sujeitos sociais participantes da história da sociedade. Na história do rádio também é assim. A *época de ouro* do rádio, que compreende os anos entre 1940 e 1955, teve como principais personagens as cantoras e rádio atrizes, que eram reverenciadas pelo público e garantiam lucros às emissoras.

A análise de conteúdo nesse trabalho visa compreender como essas mulheres, que se lançavam no mundo público das celebridades, numa sociedade conservadora como era a brasileira da década de 1950, eram retratadas por essa Revista. Procura-se também averiguar se havia a veiculação de materiais que primam pela cidadania feminina ou se somente se reforçavam estereótipos sociais da mulher.

As mulheres do rádio ocuparam um lugar pouco comum para o sexo feminino naquele período: o espaço público, fora do mundo privado de seus lares. Estavam, portanto, num espaço que não era o das mulheres comuns. Ao sair para o mercado de trabalho as mulheres ocupavam postos que eram uma extensão dos afazeres domésticos como a educação de crianças, por exemplo. As mulheres que se tornaram cantoras, atrizes, vedetes, locutoras e produtoras de rádio, de certa forma romperam com esse paradigma, mas ainda assim estão alijadas da historiografia do rádio brasileiro.



## **Desenvolvimento**

O movimento feminista que apareceu pela primeira vez no fim da década de 1960, no bojo de outras lutas libertárias, como a reabertura política do Brasil ou contra a Guerra do Vietnã, em âmbito mundial, se constituem como formas legítimas de atuação feminina. Porém, a luta para que as mulheres fossem reconhecidas como seres de direitos e que esses fossem garantidos pelas leis teve início ainda nas primeiras civilizações.

Grossi (2000, p. 38) refuta a ideia reproduzida nos meios acadêmicos e até mesmo nos movimentos feministas de um “neo-evolucionismo” que resgata a história da mulher como se ela estivesse evoluindo de uma situação de grande opressão para uma de libertação. “Muitas historiadoras têm nos mostrado que, mesmo em épocas de grande opressão das mulheres, havia situações e práticas nas quais tais mulheres detinham poder e reconhecimento social”. Os direitos conquistados pelas mulheres, com os seus avanços, retrocessos e contradições devem ser entendidos de forma dialética e não evolutiva.

As relações de gênero são relações de poder, em que o que diz respeito ao mundo masculino é valorizado em detrimento do que diz respeito ao feminino. É necessário resgatar os papéis de gênero atribuídos a homens e mulheres que concede a identificação de cada gênero com suas funções sociais específicas.

Alves e Pitanguy assim comentam:

*Aprendemos a ser homens e mulheres e a aceitar como “naturais” as relações de poder entre os sexos. A menina, assim, aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. Como se tais qualidades fossem parte de suas próprias “naturezas”. Da mesma forma, a mulher seria emocional, sentimental, incapaz para as abstrações das ciências e da vida intelectual em geral, enquanto a natureza do homem seria mais propícia à racionalidade. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 55-56; grifo das autoras)*

Os meios de comunicação reforçam e naturalizam a submissão e o comportamento da mulher como mãe e dona de casa em suas programações. Esses elementos, que atualmente estão presentes nas telenovelas e nas propagandas televisivas, já foram usados também pelo rádio, quando este era o único meio de comunicação massivo do país. Os veículos pelos quais se disseminam os estereótipos sociais mudaram com o tempo, mas o conteúdo de suas mensagens segue, em essência, o mesmo.



O rádio, ainda hoje, se configura como um dos meios de comunicação onde o preconceito de gênero persiste. A predileção pelo padrão de voz masculina em detrimento da feminina continua imperando nas relações de poder dentro do veículo. Além dos programas veiculados sob a temática de entretenimento em que o público alvo são as donas de casa, o trabalho jornalístico das mulheres também é visto de forma diferente. São poucas as pesquisas nesse sentido, mas percebe-se que no rádio, o masculino é ainda mais acentuadamente preferido ao feminino. Corazza (2006, p. 88) afirma que “as mulheres que estão em evidência, com cargos de diretoria e também apresentadoras não chegam a 10%”.

Bochini e Reimão (2006) defendem que as mulheres têm que demonstrar mais competência e responsabilidade para exercerem funções profissionais dentro da comunicação do que os homens. As autoras reiteram que as relações de gênero são sempre permeadas pelo preconceito e pela desvalorização da mulher. Apesar das mulheres constituírem a maioria do corpo profissional de jornalistas e conseguir galgar cada vez mais espaços, o rádio ainda continua perpetuando a desigualdade entre os gêneros.

É assim que o argumento de que a voz feminina, no rádio, seria mais apropriada para programas noturnos adocicados justifica o não-aproveitamento da competência de uma jornalista em um programa diurno de importância, visto como mais político e mais agressivo e portanto, visto como mais apropriado para um homem ao microfone. (BOCHINI e REIMÃO, 2006, p. 169).

### **Revista do Rádio**

O trabalho se concentra na análise da Revista do Rádio, onde procuramos entender como a publicação, que circulou no país durante 22 anos, trazendo em suas reportagens curiosidades sobre a vida dos artistas do rádio, retratava as mulheres. É importante salientar que há poucas referências bibliográficas sobre o veículo, tendo sido encontrada apenas uma publicação que se dedicou a analisá-la exclusivamente.

O material pesquisado está fora de circulação a mais de 50 anos. Para obter os exemplares analisados foi preciso entrar em contato com colecionadores e adquiri-las por um preço muito acima das revistas atuais. A Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro dispõe de todos os exemplares publicados, mas a consulta só é permitida no local, sendo vedada a cópia.

A Revista do Rádio foi a primeira publicação do gênero de entretenimento que buscava levar aos seus leitores curiosidades sobre a vida dos artistas da época. Com o



formato de 19 cm por 27 cm, a publicação trazia uma foto principal em sua capa e nenhum texto, apenas o nome da revista. Não havia sequer o nome dos artistas que estavam na capa. As páginas eram impressas em preto e branco e cada edição tinha uma média de 50 páginas, sendo que nem todas eram enumeradas.

A revista foi fundada em 1948, sendo “famosa e popular por trazer em suas seções notícias sobre o veículo que mexia com a cabeça de toda a população, tal qual faz hoje a televisão” (FAOUR, 2002, p. 19). As publicações atuais do gênero como *Caras*, *Quem* entre outras, seguem a mesma lógica da Revista do Rádio. No entanto, a revista trazia algo para seus leitores que era talvez o mais esperado: o rosto dos artistas, numa época em que a comunicação só se fazia pelo som.

As maneiras encontradas pelo público para conhecer seus artistas preferidos era por meio das revistas especializadas, ou pelo cinema. No entanto, para quem morava nos grandes centros, a principal forma era ir até as emissoras de rádio e assistir aos programas de auditório. "O auditório passava a ser para o público o espaço do desvendamento visual e da confirmação das expectativas em relação aos modelos propostos" (GOLDFEDER, 1980, p.144).

Com seu público demarcado, encontravam-se nas páginas da publicação inúmeras referências que diziam respeito ao universo de valores femininos, tais como “lares felizes (casamentos bem realizados), possibilidades de conjugação de vida artística e familiar, ‘fococas’ sobre novos romances, sobre amores desfeitos” (GOLDFEDER, 1980, p. 167). Assim, a Revista do Rádio não repercutia assuntos emancipatórios sob o ponto de vista da cidadania feminina, mas pelo contrário, reiterava valores que a sociedade machista afirmava ser próprios das mulheres como a vida doméstica e a maternidade, que eram temas ligados à realização na vida particular.

O sensacionalismo, os fuxicos e a grande quantidade de fotos eram ingredientes perfeitos para atingir seu público-alvo. Com um preço bastante acessível – três cruzeiros - o que equivaleria a pouco mais de dois reais, preço semelhante ao das atuais revistas populares do gênero como *Tititi* e *Conta Mais*, a publicação se destinava às mulheres das camadas mais pobres da sociedade, principalmente, empregadas domésticas, operárias e donas de casa, que tinham no rádio a sua maior fonte de entretenimento e informação.

## **Metodologia**



A aplicação da análise de conteúdo neste trabalho permite observar o modo como a mulher é retratada pela Revista do Rádio. Embora a análise de conteúdo sofra críticas pelo seu aspecto quantitativo, este já foi superado pela introdução da inferência no seu fazer técnico. Assim define Franco (2007, p. 29), para quem “produzir inferências, é, pois, a razão de ser da análise de conteúdo”. A inferência também permitiu que os mecanismos de mensagem que não podem ser observados, sejam trazidos à tona pelo pesquisador.

Bauer (2002, apud Fonseca Júnior, 2006, p. 285) considera que a análise de conteúdo deva ser entendida como uma técnica híbrida, pois permite tanto a valorização do quantitativo quanto do qualitativo em seus resultados, dependendo do interesse do pesquisador.

Pela dificuldade de acesso ao material pesquisado, não foi possível entrar em contato com todas as 48 edições da Revista do Rádio do ano de 1955. Assim, não se pretende a análise em profundidade de cada matéria veiculada em que a figura central fosse a mulher. Para verificar a tendência com que a publicação tratava as mulheres em suas páginas, foram analisadas 12 revistas.

Para a realização da análise foram constituídas três categorias: *participação política, trabalho e igualdade de gênero*. Categorias que se referem às reivindicações das mulheres feministas ao longo dos anos, desde as sufragistas da década de 1920, até as lutas atuais em busca de direitos igualitários entre os sexos. Foram quantificadas todas as matérias que faziam relação à mulher dentro das categorias propostas, sem distinção de tamanho. Dentro do último item, separamos as matérias que faziam referência à mulher como *objeto sexual, submissa, liberação sexual, maternidade e dona de casa*. Ao todo foram quantificadas 521 matérias.

Ao longo do trabalho foi possível observar que as reportagens com fotos ocupavam geralmente de uma a três páginas, sendo que havia uma média de 10 reportagens por edição. Assim, o material analisado se constitui, em sua maioria, de notas. Das 521 matérias analisadas, 294 foram inseridas na categoria *trabalho*. Em *participação política*, apenas 9. Na categoria *igualdade de gênero* foram encontradas 109 referências.

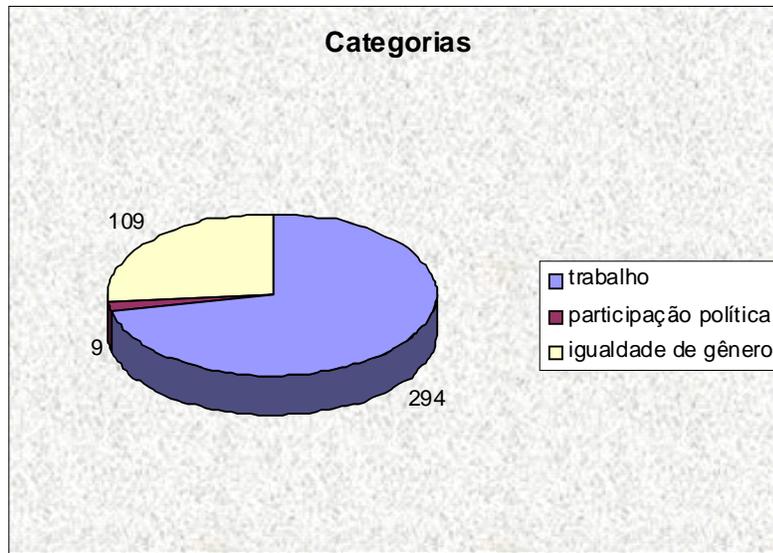


Gráfico 1 – Representação das mulheres quanto às categorias de análise.

### Análise

A categoria trabalho, embora apareça com maior frequência, está inserida nas notas e nas colunas e não ocupa páginas inteiras de reportagem. Nas matérias de uma a três páginas, ilustradas com fotos, mesmo aquelas nas quais o trabalho era o assunto principal, a vida pessoal da mulher era sempre citada, valorizando os atributos da maternidade, cuidados do lar, casamento e beleza.

Ao contrário das grandes reportagens, que traziam várias fotos dos artistas, sempre fazendo poses para o fotógrafo, as notas não tinham fotografias. É nesse tipo de gênero jornalístico que se encontra a maioria das referências ao trabalho feminino. As seções “Aqui Cinema”, “Discos”, “Tudo é Brasil” e “Rádio em Revista” são as que mais davam enfoque à mulher enquanto trabalhadora, sendo que apareciam algumas notas sobre a vida pessoal, como casamento ou gravidez.

São nessas seções que outros postos de trabalho que as mulheres ocupavam vão aparecer. Como a edição 306, 23/07/1955, página 34, na coluna “Tudo é Brasil”, onde se encontra a nota: *A produtora Ilza Silveira que ganhou uma bolsa de estudos na Columbus University (Missouri) seguiu para os Estados Unidos, onde estudará rádio e televisão.* Os livros de história do rádio retratam a mulher, em sua maioria, como cantoras ou atrizes, relegando à invisibilidade aquelas que eram locutoras e produtoras, como no caso relatado.



Ao se fazer uma análise quantitativa de quais eram as profissões mais representadas pela Revista do Rádio, as cantoras e rádio-atrizes são as que mais aparecem. Isso se explica também pela ótica comercial da revista. Como essas profissões eram as que tinham maior evidência junto ao público consumidor, a veiculação de matérias sobre os ídolos dos leitores eram mais recorrentes.

Na categorização das profissões com maior presença na revista, optou-se por analisar aquelas que ocupavam de uma a três páginas, com grande quantidade de fotos. Sendo assim, foram levantadas 65 matérias. Percebeu-se que as cantoras foram entrevistadas em mais de 50% destas, num total de 37 referências. As atrizes e as vedetes empataram, com 10 (dez) matérias cada. Foram também retratadas 6 (seis) locutoras.

Se, mesmo atuantes no mercado de trabalho, as mulheres eram mais representadas por seus atributos de mãe, esposa e dona de casa, na categoria que diz respeito à participação política, as mulheres sequer eram citadas pela Revista do Rádio.

O movimento sufragista brasileiro tinha conquistado o direito ao voto em 1932, ou seja, em 1955, já havia passado 23 anos desde que as mulheres puderam votar e serem votadas. Com a ditadura de Getúlio Vargas tendo perdurado até 1945, até o ano de análise da Revista do Rádio, a que esse trabalho se propõe, os brasileiros e brasileiras haviam eleito três Presidentes da República, sendo que no pleito de 1955, o presidente eleito foi Juscelino Kubitschek.

Ao buscar nas 12 edições analisadas da Revista do Rádio matérias sobre a participação política da mulher, foram encontradas apenas nove referências. Cabe ressaltar que não foi encontrada nenhuma menção a qualquer forma de organização política das mulheres.

Na revista há duas referências à locutora Sagramor de Scuvero, que foi a única representante política encontrada na revista. Ela foi vereadora da cidade do Rio de Janeiro, quando esta ainda era a capital federal, entre os anos de 1947 e 1959, pelo PTB de Getúlio Vargas. Porém, a matéria de maior destaque encontrada, em nada se refere aos seus feitos à frente da atividade parlamentar.

O título da notícia é: *Unhas no rosto de Raul Brunini (Na Câmara)*, além de uma foto de Sagramor de Scuvero e de Raul Brunini. Filiada ao PTB, a cantora feriu o colega numa discussão entre os dois sobre Getúlio Vargas. Mesmo trazendo a mulher como participante ativa da política, a revista valorizou o sensacionalismo e não o trabalho legislativo da vereadora-locutora. A segunda referência encontrada é uma

pequena nota na edição 310, página 44, que relata a aprovação de um voto de louvor na Câmara de Vereadores pelo aniversário de 25 anos de carreira da cantora Araci de Almeida.

A categoria “igualdade de gênero” foi criada para avaliar se havia um reforço de estereótipos sobre a mulher ou se eram veiculados conteúdos de cunho emancipatório. Essa categoria foi dividida em outras cinco subcategorias. São elas: *objeto sexual*, *submissão*, *liberação sexual*, *maternidade* e *dona de casa*. As cinco subcategorias foram escolhidas com o intuito de buscar nas matérias que tratassem do assunto as diferentes nuances de representar a mulher como um ser inferior em direitos.

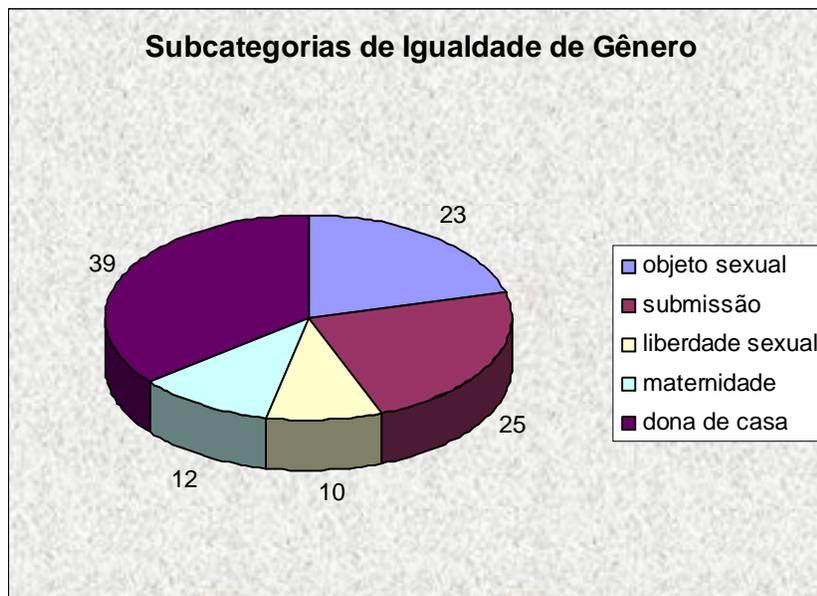


Gráfico 2 – As subcategorias da categoria Igualdade de gênero

Uma forma de negar a humanidade do outro é o tratamento deste como objeto, a fim de coisificá-lo. Assim, ao pensar na mulher como “objeto sexual”, parte-se do princípio de que em nenhum momento é ela quem tem o poder de escolha sobre sua sexualidade. Sendo que esta está submetida aos desejos do homem, a quem procura satisfazer. Nessa subcategoria foram encontradas 23 referências.

A indústria cultural tem grande participação nessa coisificação da mulher, pois é ela quem produz e reproduz os padrões de beleza e de comportamento que devem ser seguidos por todas as outras mulheres, e que se tornam objeto de desejo dos homens.



Mesmo dentro de seus padrões conservadores, a Revista do Rádio, em 1955, veiculava matérias em que as mulheres eram enaltecidas pela sua beleza.

Godfeder (1980, p. 167) analisa, no entanto, que “o apelo erótico, quando aparecia, era na maioria das vezes esvaziado pelas informações complementares relativas ao caráter familiar ou mesmo doméstico daquelas imagens”.

Das 109 matérias catalogadas dentro da categoria de análise “igualdade de gênero”, 23 pertencem ao sub-tema “objeto sexual”. Nesse tema foram agrupadas as notas, reportagens e notícias em que o enfoque fosse a beleza, sensualidade ou qualquer outro atributo físico considerado como inerente ao sexo feminino.

Em relação à submissão feminina, foram encontradas 25 referências. Entende-se que a submissão feminina é algo presente na sociedade de maneira muito sutil, sendo alimentada por mecanismos quase imperceptíveis. Portanto, foram também listadas nessa categoria matérias em que a mulher é o foco principal, mas que aparece de maneira submissa ao seu companheiro.

Na edição 293 nas páginas 8 e 9 encontra-se a matéria, cujo título é *Porque Lourdes não acompanhou o espôso*. Na reportagem de duas páginas há cinco fotos da atriz, sendo que em três delas está acompanhada dos filhos. O enfoque da matéria é a atriz Lourdes Mayer, que não viajou com o marido, o também ator Rodolfo Mayer para a Europa, decidindo-se a ficar no Brasil por compromissos profissionais, já que havia renovado seu contrato com a Rádio e TV Tupi.

É importante ressaltar que o repórter faz uma introdução falando da vida da atriz e sobre a viagem do marido. Depois se abre para uma entrevista ping-pong. No começo, a atriz mantém uma postura decidida sobre a escolha que fizera, pois acabara de assinar um contrato que lhe renderia um bom dinheiro. Ao fim da entrevista, começa a ser pressionada pelo repórter e declara que pretende se encontrar com o marido o mais rápido possível na Europa. *Longe do Jacob, eu fico completamente desarvorada*, revela a atriz. Na matéria há ainda a legenda: *Lourdes e seus dois filhos, dois rapagões que já ultrapassaram até a altura da mamãe. E ela ainda é jovem e bonita!*.

Na segunda reportagem, a personagem principal é uma mulher, com carreira profissional própria, que é questionada pelo repórter por sua decisão de não seguir o marido, que faria uma viagem a trabalho pela Europa. Percebe-se que, para o repórter e também para os leitores, mesmo que a mulher tenha uma carreira própria é esperado que ela se submeta às vontades do marido e à sua rotina. Assim, ao optar por não



acompanhar o esposo, essa mulher quebra com esse paradigma e é pressionada para que reassuma o posicionamento esperado.

Se em sua maioria, a Revista trazia material que reiterava um padrão conservador de comportamento, percebe-se também que havia mulheres que buscavam se desvencilhar desses preconceitos. Em 1955, o desquite já era aceito pela justiça brasileira, mas ainda não existia o divórcio, que só seria aprovado em 1977. No entanto, o termo “mulher desquitada” era tido como algo pejorativo. Aquelas que tinham a coragem de demonstrar que estavam infelizes em seus casamentos e buscavam o desquite eram por vezes mal vistas pela sociedade.

Na subcategoria “liberação sexual” foram incluídas matérias que tratam do divórcio e do desquite, bem como as que fugiam do padrão sexual da época, que não se colocavam como castas ou que assumiam que tinham vários namorados, uma vez que a moral vigente esperava que a mulher se casasse com o primeiro namorado, sob o risco de ficar “mal falada”. Nesse grupo identificamos 10 matérias.

Personagens controversas desse período, as vedetes, atrizes do teatro de revista, são também retratadas na Revista do Rádio como uma categoria de mulheres que buscavam sua realização pessoal livre dos preconceitos da sociedade.

Ao analisar os livros sobre o feminismo e, principalmente, sobre o movimento no Brasil, não foi encontrada qualquer referência sobre o divórcio como um mecanismo de acesso à cidadania das mulheres. Ao analisar a revista, é possível compreender que era um assunto recorrente na época e que permitia às mulheres certa autonomia em suas vidas. Ao poderem optar sobre a continuação ou não de uma relação matrimonial, as mulheres se tornavam sujeitas de suas vidas e de suas histórias. Porém, ao decidirem pelo desquite, estavam ainda submetidas ao preconceito da sociedade.

Assumindo comportamentos tidos como extravagantes para a época, mas que em nada escandalizaria os padrões atuais, vedetes como Luz del Fuego e Elvira Pagã deixaram a sociedade brasileira da década de 1950 perplexa com seus números em que apareciam seminuas.

A maternidade aparece em 12 referências nas revistas analisadas. Interpretada como a realização plena da mulher, e muitas vezes a única, o ato de gerar um filho é colocado na sociedade como controle dos homens, do Estado e da Igreja sobre a mulher. Em muitas ocasiões, a escolha de quando, como e se pretende ter filhos é imposta às mulheres por esses setores.



Faour (2002), ao entrevistar a cantora Ângela Maria, que é considerada uma das melhores cantoras do rádio naquela época, tendo ganhado o concurso de Rainha do Rádio em 1954, revela que o fato dela nunca ter tido filhos foi muitas vezes retratado pela Revista do Rádio em tom pejorativo. Infere-se, então, que a maternidade é tratada pela revista sob um viés conservador. Pois ao mesmo tempo em que enaltece as mulheres que são mães, cobra a maternidade daquelas que não são.

Sob a categoria “dona de casa” é que se encontra o maior número de referências na revista. Tanto nas reportagens de destaque quanto nas notas é expressiva a quantidade de matérias que relacionam a mulher com os afazeres domésticos e com o casamento. É preciso salientar, que mesmo naquelas em que o trabalho era o enfoque principal da matéria, havia referência ao papel sexual feminino, que ainda hoje perdura nas relações sociais.

Foram listadas 39 matérias que fazem alusão à mulher como dona de casa. Essas matérias são as mais emblemáticas, pois em sua maioria trazem fotos que deixam evidente o valor que pretende ser passado pela revista. Principalmente as reportagens feitas nas casas das artistas, em que são fotografadas representando o papel de dona de casa, seja limpando, cozinhando ou servindo o marido e filhos.

A valorização da mulher enquanto dona de casa está presente em várias matérias da Revista do Rádio. Até mesmo onde se esperava encontrar conteúdos que primassem pela valorização do trabalho feminino, são observadas referências ao serviço doméstico. É importante salientar que o ideal de *Rainha do lar* nasce nos Estados Unidos na década de 1950 e que é nesse período que há maior intercâmbio cultural entre os dois países, havendo ampla divulgação do modo de vida americano.

### **Considerações finais**

Entender como a mulher era retratada pela mídia da década de 1950 é o principal objetivo desse trabalho. Numa época em que as mulheres começavam a sair do mundo privado para se lançarem no espaço público, o preconceito e a intolerância eram perceptíveis nas mais diversas relações sociais. A Revista do Rádio surge como a primeira publicação do Brasil que visa mostrar aos ouvintes do rádio o rosto e a vida de seus artistas.

A partir do trabalho foi possível verificar que o conteúdo da publicação primava pela conservação de comportamentos e valores tradicionais, principalmente no que diz



respeito às mulheres. A divisão das categorias de análise teve a intenção de compreender de que modo a revista tratava a participação feminina no trabalho, na política e se ela promovia a igualdade de gêneros. Porém, mesmo quando o enfoque da matéria era o trabalho das mulheres, é predominante a valorização dos papéis sexuais tidos como femininos.

Nas reportagens, que exibiam fotos e um texto maior esse padrão era mais recorrente. Nas notas foram encontradas mais referências às mulheres como trabalhadoras. Assim, levando-se em consideração a diferença de espaço dado a essas matérias dentro da revista, inferimos que o editorial do veículo tinha um caráter conservador.

Buscamos extrair elementos que nos permitisse compreender se havia uma pretensão de mostrar a mulher como um ser de direitos, autônoma e cidadã. Ao analisar a categoria igualdade de gênero, percebemos mais uma vez que havia a reiteração de valores conservadores.

A figura feminina representada como dona de casa, mãe, submissa e de objeto sexual são encontradas com frequência na pesquisa. Em consonância com a moral da época, o casamento e a maternidade eram encarados como a única possibilidade de realização plena da mulher. Assim, o trabalho não era percebido como o principal ponto de atuação da vida das mulheres, mas como uma ocupação.

Por se constituir numa revista, cujo público alvo eram mulheres que também consumiam os programas de rádio, e também, pela rígida moral da época, percebe-se que a representação da mulher como objeto sexual é esvaziada. Em seu lugar, sobressaía a imposição de um padrão de beleza que deveria ser alcançado pelo público consumidor e a submissão aos costumes da época.

A Revista do Rádio era conservadora e trazia em seu conteúdo estereótipos sobre a figura feminina. Porém, foi possível observar que o rádio era feito por mulheres que ocupavam outros postos de trabalho, além de cantoras e atrizes. Diferentemente do que se mostra nos livros de história do rádio, em que aparentemente, só existiam essas duas funções para a mulher dentro do fazer radiofônico, dando a impressão de que essa figura constava no meio como acessório e não como peça atuante.

O rádio, em sua *época de ouro*, imperava como meio de entretenimento, informação e emoção para os brasileiros e brasileiras, e tinha em seu corpo técnico mulheres que atuaram como locutoras, apresentadoras, roteiristas e produtoras. A análise da Revista do Rádio aponta que as mulheres que participaram do rádio brasileiro



não estão nem de longe retratadas pelos livros que se propõe a estudar a história do veículo. Registramos aqui uma crítica em relação ao fato, já que, pela importância que tiveram na história do país, as mulheres do rádio merecem maior atenção dos comunicadores e comunicadoras.

É necessário também que os pesquisadores de comunicação voltem seus olhares a essas mulheres que contribuíram não só com a história do rádio, mas do país. Ao longo do trabalho, procuramos conhecer um pouco mais da vida dessas mulheres e descobrimos que muitas delas tiveram fins trágicos. Quem não conseguiu se estabelecer na televisão, que começava a despontar no país, morreu no anonimato, sem que as gerações posteriores sequer se lembrem de seus nomes. Esses dados nos alertam para a necessidade de resgatar a vida dessas mulheres e de contar a história do Brasil sob um novo enfoque.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo. Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

BOCCHINI, Maria Otília; REIMÃO, Sandra. **Participação da Mulher na Mídia**. In MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (orgs.). **Mídia Cidadã: Utopia Brasileira**. São Bernardo do Campo: Editora UESP, 2006.

CORAZZA, Helena. **Inclusão/Exclusão da mulher no complexo midiático**. In MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (orgs.). **Mídia Cidadã: Utopia Brasileira**. São Bernardo do Campo: Editora UESP, 2006.

FAOUR, Rodrigo. **Revista do Rádio - Cultura, Fuxicos e Moral nos Anos Dourados**. Rio de Janeiro. Editora Relume Dumará, 2002.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª Ed. São Paulo. Atlas, 2006.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2ª Ed. Brasília. Líber Livro Editora, 2007.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1980.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Estudos de gênero/Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Ed. da UCG, 2000.

